



11|12. Ortofotomapa Quarteirão do Rato, Lisboa.  
Esquema de quarteirão tipo. Esc. 1/5000

O quarteirão do Rato, quarteirão não planeado:

O quarteirão em estudo edificado durante o século XVIII cedo consolidou a geometria que detem actualmente. A sua forma orgânica deve-se localização geográfica. A Este está delimitado por uma linha de festo, na qual se consolidou a rua da escola politécnica. A Oeste, por sua vez, inicia-se uma linha de vale, actualmente rua de São Bento. Apesar da proximidade dos limites Este e Oeste existe, pelas características já enunciadas, uma grande diferença de cota com cerca de 8 metros.

Os edifícios que delimitam o quarteirão conservam a sua origem formal, são por isso edifícios de cota relativamente baixa, de 3/4 pisos e sobretudo habitacionais nos pisos superiores e comerciais no piso térreo. As ruas de São Bento e da Escola Politécnica são fortes eixos de circulação de trânsito e têm uma diferença de cota de cerca de 8 metros entre elas. O largo do Rato apesar de ser bastante amplo, assume-se como um largo viário apenas, os poucos espaços de circulação pedonal são interrompidos por várias faixas de trânsito. É também neste largo que os edifícios adquirem uma escala maior, relativamente aos dos eixos referidos anteriormente, alguns deles já mais recentes.

### 2.3. Os Padrões de Lisboa

A cidade de Lisboa apresenta uma malha complexa resultante de intervenções faseadas. Padrões de origem espontânea e de origem planeada, integram o que consideramos uma malha única e consolidada. Na cidade tal como a conhecemos, (Figura 5), são perceptíveis alguns dos planos urbanísticos que se concretizaram, bem como, o claro predomínio de vários padrões orgânicos. Facilmente identificamos os dois tipos de padrões. Por um lado, os padrões de origem planeada, uns de claras referências aos traçados ortogonais, outros próximos do conceito de cidade Jardim, com a quase ausência de quarteirão. Por outro, a malha predominante, constituída por padrões não planeados, caracterizando-se por formas mais orgânicas e de forte ligação à topografia.

#### Lisboa orgânica (não planeada)

Os padrões predominantes, os não planeados, têm origens diversas. No entanto, estão na base do seu desenvolvimento fenómenos geográficos, como as linhas de festo, vales e linhas de água, tão evidentes na cidade de Lisboa, assim como, factos histórico-sociais. Caracterizam-se portanto, por apresentar enquanto quarteirão, formas irregulares de diferentes dimensões. A sua composição não obedece a um desenho dos edifícios no seu conjunto, nem às dimensões em si. O sistema de parcelamento dos lotes existente, o gosto pessoal e as emergências sociais, serão o mote que ditará o desenho e dimensão de cada edifício e consecutivamente do quarteirão.

Genericamente falando, podemos caracterizar a cidade de Lisboa e todo o urbanismo português através das palavras de Teixeira:

(...)“O urbanismo português caracteriza-se em todas as épocas por uma dupla vertente: a vertente vernácula, que tem como característica fundamental uma grande ligação ao território e uma vertente erudita, que tem como característica fundamental basear-se, a maior parte das vezes, em sistemas ortogonais. Uma das



13|14. Ortofotomapa baixa, Lisboa.  
Esquema quarteirão tipo. Esc. 1/5000



15|16. Ortofotomapa Campo de Ourique, Lisboa.  
Esquema de quarteirão tipo. Esc.1/5000



17|18. Ortofotomapa Plano de Alvalade (parcial), Lisboa.  
Esquema de quarteirão tipo. Esc. 1/5000

8. Citação de Teixeira, em *A forma da cidade de origem Portuguesa*, 2008.

principais características do urbanismo português é a sua capacidade de síntese destas duas vertentes, que pode ser observada ao longo da história. (...)”<sup>8</sup>

#### Lisboa Planeada

A malha da cidade de Lisboa, (figura 07) poder-se-á comparar a uma manta de retalhos pela sua complexidade formal. No entanto, as zonas de formação planeada são as que mais facilmente identificamos pela repetição de geometria, através do uso repetido do quarteirão. As áreas assinaladas na planta representam diferentes épocas de crescimento e regeneração da cidade. Ambas contribuíram para a riqueza urbana da cidade e representam sobretudo, diferentes pensamentos sobre modo de a habitar.

Bairro Alto, edificado na época barroca, assim como Baixa Pombalina e Bairro Campo de Ourique do séc. XVIII, apresentam uma malha rígida, de traçado ortogonal, onde o quarteirão assume um papel importante pela sua coerência formal e estética edifício a edifício. As Avenidas Novas, de Ressano Garcia, são exemplos de um planeamento de traçado igualmente ortogonal, com diferenças significativas de edifícios e dimensão dos quarteirões, bem como usos e relações com o seu interior.

Outras zonas igualmente planeadas, contemplam uma malha mais orgânica, como por exemplo, Alvalade e Olivais, onde se procura a integração de edifícios isolados, e onde se chega mesmo à extinção do quarteirão.

A construção do plano de Alvalade de 1945, em Lisboa, constituiu um exemplo relevante da aplicação de princípios da urbanística moderna em Portugal. O plano prevê a proximidade à urbanística das cidades jardim, mas conserva ainda traços da cidade histórica. Há o abandonar do traçado ortogonal, permitindo explorar todos os espaços da cidade. Esta parte de cidade, este bairro, desenvolveu-se através de um novo conceito de bairro/vizinhança, designado de células.

Figura 11. Ortofotomapa da malha não planeada de Lisboa. Figura 12. Esquema de quarteirão tipo da malha não planeada de Lisboa. Figura 13. Ortofotomapa Baixa de Lisboa. Figura 14. Quarteirão tipo, plano da Baixa de Lisboa, 1755, por Marquês de Pombal. Figura 15. Ortofotomapa Campo de Ourique. Figura 16. Esquema quarteirão tipo do plano de Campo de Ourique, séc. XVIII. Figura 17. Ortofotomapa Alvalade. Figura 18. Esquema de quarteirões tipo, plano de Alvalade, 1945. Arq. Alves Costa.